

A ESTRADA, A RUA E A ZONA

Nancy Cardoso Pereira *

Éra uma Páscoa como outra qualquer: as "páscoas" todas se parecem quando são vistas a partir dos olhos das mulheres da Luz.¹ Não há passagem (*pessach*, do hebraico). Os caminhos estão todos fechados e levam sempre aos mesmos lugares: portas de bares e cortiços, o muro da Estação, as grades que cercam o jardim em frente...os quartos malcheirosos e apertados. O dinheiro pouco. O corpo do avesso. Vez ou outra, um cliente. Um operário. Aposentado. Um policial. Um marginal. Um é o outro. Não passa nada enquanto todos passam correndo pros trens que engolem homens e mulheres suburbanamente atrasados. Tudo passa...só as mulheres da Luz ficam ali, estáticas, monumentos vivos da cidade absurda.

É Páscoa e as mulheres vão chegando aos poucos, em grupos, na Casa de Convivência do Serviço à Mulher Marginalizada. Enquanto o almoço vai sendo organizado, as mulheres sentadas nas muitas cadeiras do pouco espaço, conversam num silêncio abafado, cortado algumas vezes por uma gargalhada sonora ou um palavrão divertido. A demora e a fome deixam as mulheres impacientes. Parece que faz calor.

É Páscoa e alguém da equipe de agentes da Casa começa a cantar e conversar com as mulheres sobre a vida e as situações difíceis: os medos e as mortes; as alegrias e surpresas. Fala-se da frustração que tomou conta dos amigos e amigas de Jesus quando foi preso e morto sem que ninguém pudesse resistir ou ajudar. As mulheres falam de seus mortos. São muitos.

Surge um nome de mulher: Maria Madalena. Quem era? O que se sabe dela? Como deve ter se sentido? Aos poucos, as mulheres vão dizendo o que ouviram ou aprenderam nas catequeses e na vida: era prostituta; Jesus a tratou bem; não foi discriminada; andava com Jesus...

Alguém pergunta: de onde ela era? As mulheres dizem que não sabem. O nome já diz: Maria de Madalena. Era o nome de uma cidade, uma região. Maria de Madalena.

As mulheres logo entendem. Claro! Com elas é assim também: recebem o nome do lugar de onde vieram. Uma é a Gaúcha; a outra é a Mineira...mas tem também a Mineirinha; duas são Baianas. Os nomes bem parecidos escondem outros nomes, os verdadeiros que ninguém ou quase ninguém conhece.

Na rua, na prostituição, preferem ser chamadas assim...com o nome da origem, ou possível origem. É um modo de se proteger, se guardar. Pouca gente conhece o nome de verdade.

Continuamos a conversa sobre as origens, sobre como e quando chegaram à Estação da Luz: a grande maioria de mulheres negras é migrante ou filhas de migrante. Por que não contam seus nomes umas às outras? Entre uma explicação e outra fica a afirmativa de que elas são todas iguais...como fazer a diferença? Melhor assim: Baiana, Gaúcha, Carioca. O apelido pode vir também de um defeito físico (Muda, por exemplo), pelas características étnicas (Maria Pretinha).

Nesse sentido os nomes de guerra, os apelidos acabam reforçando as diferenças, assinalando particularidades...entre outras, o lugar de origem, de onde elas vieram. O nome de verdade fica assim reservado para as amigas, os documentos e um namorado.

Aquela Páscoa ficou marcada por essa conversa sobre nomes, lugares e significados. A vida toda daquelas mulheres era uma grande migração. Passaram a vida toda passando de um lugar pro outro até virem se encostar no muro da Estação da Luz. Depois...fica difícil, quase impossível sair dali.

QUEM SÃO ESTAS MULHERES?

Uma simples observação das mulheres que procuram a Casa de Convivência do Serviço à Mulher Marginalizada confirma uma triplíce evidência: são negras, são pobres, são migrantes. E são mulheres.

As mais velhas, são migrantes: vieram sozinhas ou com a família há alguns anos para São Paulo e foram se organizando nas periferias da cidade, vivendo de subemprego, em condições precárias de moradia, quase nenhum acesso ao sistema escolar e de saúde.

"Trabalhava como louca na roça mas ninguém me dava valor. Bebi demais e entreguei o meu corpo pra ele...meus pais

descobriram e me tocaram de casa...Logo vim para essa cidade, dormia nos bancos de jardim, dormia nos trevos, passava fome..." p.38

A situação de miséria acaba inviabilizando a vida familiar, gerando movimentos desagregadores quase sempre tendo como resultante o abandono de mulheres/mães sozinhas com filhos e filhas ou a ida de meninos e meninas para as ruas em busca de pequenos trabalhos e um grupo de referência.

"A situação financeira foi se tornando cada vez mais difícil e eu fui trabalhar em São Paulo com minha mãe." p.55

"Meu pai deixou minha mãe com 9 filhos. Ela também fez a vida, mas largou..." p.38

A menina que sai de casa tem uma outra relação com a rua, com o espaço público que de modo particular favorece a sobrevivência de meninos e homens. Para a menina, para a jovem a rua é quase sempre meio caminho andado para a prostituição.

As meninas e adolescentes que estão nas ruas e na prostituição são filhas da migração e da pobreza. Mesmo tendo nascido em São Paulo, continuam a viagem interminável de suas famílias, percorrendo a distância que vai da periferia para o centro da cidade. O impacto é quase o mesmo: deixar o sertão e vir para a cidade - deixar a favela, o bairro popular e vir morar nas ruas do centro: não têm identidade, nem direito, nem cidadania. Sem documentos, sem escolaridade, sem saúde vão descobrir que por serem mulheres não podem sobreviver a não ser que se submetam à lógica que mercantiliza seus corpos e sexualidade.

POR QUE ELAS VIERAM PRA ZONA?

"Tive que ir embora daquela cidade" p.21

Mas não é suficiente explicar a prostituição a partir do aspecto econômico, isto é, reduzir o fenômeno ao empobrecimento

e deslocamento de significativos segmentos da sociedade brasileira. Homens e mulheres vivem o drama da miséria e migração...mas são as mulheres que vão, de modo mais evidente, procurar sua sobrevivência na prostituição. Aos homens, adolescentes e meninos a cidade e a rua oferecem outras alternativas - também marginais.

Neste sentido a pobreza e migração não têm efeitos iguais sobre homens e mulheres, meninas e meninos. A migração, a miséria e a rua aprofundam os papéis sexuais dados: para os meninos, uma alternativa é o mundo dos pequenos roubos, da violência, das armas e das drogas; para as meninas, a exploração e subordinação de sua sexualidade levam muitas vezes à prostituição.

Mas o processo já se inicia quando da ruptura com o grupo familiar. Grande parte das mulheres na prostituição têm histórias de violência e abuso sexual para contar. O desarranjo e fragmentação do grupo familiar gera conflitos e crises, aprofundados pelo desemprego, alcoolismo, distúrbios emocionais e desespero. A violência física, psíquica e sexual de meninos e meninas são causas frequentes da fuga.

Nos relatos de meninas e mulheres a lembrança de seus corpos violentados e abusados não começa quando chegam na zona de prostituição...elas chegam para a prostituição porque já tiveram seus corpos carimbados como mercadoria, objeto de prazer sexual de homens e adultos.

Estudos apontam os homens adultos como os principais responsáveis pela violência e abuso sexual de meninas, em maior número, e meninos (Santos, 1987:80). Pode ser o pai, o padrasto, um tio, um irmão mais velho, um vizinho...quase sempre o agressor tem algum vínculo familiar com a criança violentada.

"Um dia meu padrasto quis fazer mal pra mim. Eu gritei. Minha mãe chegou mas não acreditou em mim. Começou a me maltratar...Meu padrasto me chamava de biscate, de puta. Dizia que eu não era mais virgem e me maltratava até convencer minha mãe a me expulsar de casa." p. 21

Os relatos também apontam para a

negligência ou indiferença das mães/ mulheres adultas no sentido de proteger a criança da agressão; pressionadas economicamente e emocionalmente muitas não enfrentam os maridos/homens, preferindo acusar a menina inviabilizando a vida do grupo.

A prostituição então começa em casa. A violência primeira contra o corpo dessas mulheres já está presente antes mesmo do momento de abandonar o grupo familiar. Esta valoração negativa, esta marca do abuso sexual acompanha as meninas/mulheres em suas andanças. Já sentem seus corpos marcados pelo abuso sexual, já interiorizaram uma sexualidade violentada, marginal. Quando se vêem sozinhas e no espaço da rua, reforçam esta valoração dispondo seus corpos no mercado do sexo barato.

As mulheres não são enganadas ou obrigadas formalmente a assumirem a prostituição. Acabam explicitando o que aprenderam em seu lugar de origem, em seu grupo familiar. Assim, elas vão pra rua, saem de casa, migram porque *já são prostitutas*. Chegam na prostituição convencidas interiormente e socialmente de que seus corpos são mercadoria. Este processo se traduz em baixa-estima e num fatalismo que torna quase inviável conceber alternativas fora do mundo da prostituição.

"Tentei fugir dali. Fiz de tudo. Fui para outra cidade. Não deu certo: fiquei sem dinheiro. Voltei." p. 42

QUEM PROSTITUI QUEM?

A prostituição é um processo que não diz respeito somente às mulheres que vendem seus corpos. É preciso entender todo o dinamismo social e identificar os diversos agentes que fazem a prostituição funcionar respondendo à demandas bem concretas de segmentos significativos da população.

Se existem mulheres na prostituição é porque há homens que procuram por este tipo de prestação de serviço sexual. Quan-

do as mulheres da Luz descrevem seus clientes fica claro que são homens que também fazem parte do mundo de miséria, subemprego, fragmentação familiar e migração. A Estação da Luz faz a intermediação da população de periferia com o centro de São Paulo. São os milhares de trabalhadores, desempregados, aposentados, marginais que circulam pela Estação diariamente que procuram os serviços destas mulheres.

De alguma maneira este sexo comprado, barato, rápido, sem precauções de saúde, responde às fantasias, desejos e possibilidades destes homens, eles também prostituídos. Chefes de família, miseráveis econômica e sexualmente; migrantes sem família na cidade; aposentados esmagados pela pensão de fome e abandono; marginais e desocupados... eles também têm seus corpos marcados por um aprendizado do que significa ser homem e viver uma sexualidade de macho. Na relação com as mulheres prostitutas exercitam sua virilidade e afirmam seu pequeno poder com doses de violência.

"Um freguês falou que ia me levar na casa de minha mãe, me arrastou até fora da cidade e me jogou no mato. Os fregueses me batiam. Cheguei até a levar tiro." p.22

"Apareceu um homem rico que me mandou tirar a roupa e ficar em cima da mesa, me ameaçando com um revólver." p.23

"Frequentei as repúblicas de estudante. Eles aproveitaram muito de mim..." p. 33

"Os piores são os homens casados, desses homens religiosos...batem se a gente não aceitar as exigências selvagens deles." p.33

Uma figura masculina importante no mundo da prostituição é o policial. As mulheres vivem numa constante relação de medo e subserviência com os *homens da lei*. Se por um lado a polícia reprime a presença das mulheres de forma violenta tratando-as como criminosas, por outro lado são fregueses frequentes que tiram vantagem da situação de limite das prostitutas e dos bordéis.

"A polícia representa tudo de mau, de ruim, no nosso ramo da prostituição. Os policiais frequentam direto a zona." p.26

Não há como desconsiderar a participação de outras mulheres na exploração e violência contra prostitutas. São as chamadas cafetinas, madames, dona da casa. São elas que alugam os pequenos quartos, que são donas dos bares e que recrutam meninas e mulheres. São mulheres poderosas; muitas delas já foram prostitutas e conseguiram se estabelecer como cafetinas. As formas de exploração, que passam pelo aluguel, a comida, a bebida, os remédios, as roupas...acabam fazendo das mulheres prostitutas escravas, totalmente dependentes e eternas devedoras dos esquemas dos hotéis, bares e bordéis.

"Se a gente não fizer o que a cafetina manda, a gente vai embora. Ela é que manda. Se a gente tá doente e quer deitar, tem que pagar multa. A cafetina é quem explora mais que o cliente." p.26

A prostituição é uma rede intrincada de poderes, de homens e mulheres sem poder que exploram homens e mulheres sem poder. Existem mecanismos de solidariedade e ajuda entre as mulheres prostitutas mas, a luta pela sobrevivência em meio à fome, drogas e violência torna as relações ambíguas e frágeis dificultando qualquer possibilidade de organização e reivindicação de direitos e dignidade.

GÊNERO E PROSTITUIÇÃO

A migração é um fenômeno social genericamente constituído, isto é, homens e mulheres vivem de modo diferenciado a experiência de migrante. Elisabete Dória Bilac (1995) chama a atenção para a necessidade de se entender a migração articulando gênero, classe e etnia. De modo especial, numa aproximação da experiência das mulheres na baixa prostituição em São Paulo, tal articulação se faz necessária tanto no esforço de descrever e entender o grupo social, como também na busca de organização de políticas e pastorais junto às mulheres.

A prostituição não é um problema das mulheres pobres ou de caráter fraco, é um

fenômeno social que articula diversas formas de subordinação. Neste sentido, se faz urgente e necessário usar os instrumentais teóricos que explicitem as relações sociais de gênero que constituem e movimentam o mundo da prostituição.

A primeira distinção importante a ser feita é entre sexo e gênero deslocando a reflexão do âmbito exclusivo da sexualidade e instaurando uma reflexão cultural. Sexo diz respeito ao biológico, ao fisiológico, isto é, as diferenças anatômicas entre homens e mulheres. Mas não há nada no âmbito biológico que determine ou justifique a subordinação das mulheres pelos homens. Os corpos biologicamente definidos vão ser valorados e organizados de modo distinto dentro de uma estrutura social.

Gênero funciona tanto na organização do real, nas práticas sociais e seus produtos, como também em nível de representação simbólica da realidade e suas relações. As relações sociais estabelecem tarefas, papéis distintos a homens e mulheres. Esta distinção é sustentada pela representação simbólica que naturaliza e trata de tornar consensual os lugares sociais e as valorações destinadas a homens e mulheres. Gênero é assim "tanto um constructo sociocultural quanto um aparelho semiótico, um sistema de representação que atribui significado(...) a indivíduos dentro da sociedade." (Lauretis, 1987).

Neste sentido, o modo como homens e mulheres se relacionam, o modo como vivem as relações familiares, o trabalho que desempenham, a sexualidade que assumem, não se baseia numa determinação natural e necessária, mas são resultantes das relações sociais que organizam a vida econômica e política de uma sociedade.

Por que são as mulheres pobres, negras e migrantes que vão buscar sua sobrevivência na baixa prostituição? Por que os homens pobres, negros e migrantes não fazem o mesmo caminho? De certa maneira as mulheres se sentem atadas ao papel sexual subordinado dado pelas relações sociais de gênero que vivem na família, na rua e na sociedade. Aprenderam na relação com o pai, o irmão, o namorado, o patrão e também com outras mulheres que seus corpos são mercadoria, que podem ser

vendidos de modo a responder às demandas sexuais de homens que aprenderam que são superiores e que podem comprar e dispor da sexualidade das mulheres.

Um homem pobre, negro e migrante que se encontrar numa situação de desespero não vai procurar na prostituição uma forma de sobrevivência. Seu corpo de homem não tem esta valoração. Mesmo sendo pobre não vai entender seu corpo como um produto que tem valor no comércio do sexo barato. A prostituição masculina é quase sempre caracterizada no trabalho de travestis, gays, homossexuais mantendo-se a lógica de responder à demanda sexual de outros homens. Na prostituição masculina é quase sempre o homem que assume a valoração do corpo de mulher e vende seu trabalho sexual para outro homem.

Na trama das relações a opressão acaba se dando de migrante sobre migrante, de pobre para pobre, uma vez que são os homens da mesma condição social, da mesma etnia, empurrados pelo mesmo processo de migração e pobreza que vão ser, muitas vezes, os clientes na zona de prostituição. Os laços apertados dos condicionantes de classe, etnia e gênero vão inviabilizar uma prática crítica e libertadora entre os pobres mesmo. De modo particular a ideologia de gênero naturaliza as diferenças conferindo eficácia política e legitimando a subordinação das mulheres.

"No imaginário masculino, a mulher não existe como sujeito. Ela é o objeto a ser tomado, a consumir..." (Welzer-Lang, 1991).

Sem considerar as relações sociais de gênero como constitutivas dos processos migratórios, de empobrecimento das populações corre-se o risco de continuar reforçando estereótipos sexuais que naturalizam a desigualdade e eternizam a subordinação e exploração das mulheres, em especial negras. A pouca articulação e importância que movimentos populares, movimentos de mulheres, pastorais populares dispensam aos problemas das mulheres prostituídas revelam uma desconsideração da complexidade dos fenômenos e a incapacidade de refletir e agir vinculando gênero, classe e etnia.

Pensar políticas sociais, defesa de direitos e cidadania como também pastorais

junto a e com mulheres prostitutas não pode se reduzir ao enfrentamento dos problemas imediatos do mundo da prostituição. É preciso pensar todo o sistema que gera e sustenta a prostituição como espaço necessário e natural. Não se reduz a pensar a sexualidade prostituída das mulheres da zona, mas pensar a miséria sexual de homens e mulheres. A prostituição entendida como resultante das relações sociais de gênero que subordinam as mulheres na família, no trabalho, na política, na educação, na cama, na igreja, no partido deixa de ser um problema restrito das prostitutas para ser um desafio de todos os movimentos e pastorais que se indignam com as muitas formas prostituídas de viver.

"Temos uma esperança muito forte que a gente vai se libertar um dia. Temos esperança de um dia ter contato com todas as companheiras, pra nós, juntas, conseguirmos a libertação....pra um dia a gente ser gente de verdade." (trecho da carta das Mulheres Marginalizadas participantes do VI Encontro Nacional da Mulher Marginalizada, Itaparica, BA, 1984).

* Nancy Cardoso Pereira é Doutoranda em Bíblia; Professora de Bíblia no ITESP (Instituto Teológico São Paulo) e no Instituto Pio XI e Assessora do CEBI/SP.

NOTA

1. As observações feitas aqui recolhem um pouco do meu aprendizado com as mulheres na Casa de Convivência da Estação Ferroviária da Luz, na capital paulista, do Serviço à Mulher Marginalizada, no ano de 1995. Todos os depoimentos utilizados foram extraídos do livro *O Grito de Milhões de Escravas - A Cumplicidade do Silêncio*, de diversos autores/as, Vozes, 1983.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BILAC, Elisabete Dória. (1995) "Gênero, família y migraciones internacionales". *Revista de la OIM sobre Migraciones Internacionales en América Latina*, v. 13, nº 1, pp. 3-11.
- LAURETIS, Teresa de. (1987) *Technologies of Gender*. Bloomington, Indiana University Press. In: SAFFIOTI & VARGAS, (1994) *Mulher Brasileira é Assim*. Editora Rosa dos Tempos, p.274.
- SANTOS, Hélio de Oliveira. (1987) *Crianças Espancadas*. São Paulo, Papiрус, p.80.
- WELZER-LANG, Daniel. (1991) *Les Hommes Violents*. Paris, Lierre & Coudrier Editeur. In: SAFFIOTI & VARGAS, *ibid.*, p.275.